

Jesus o poderoso Médico Divino, Ele é o único que Cura

2. Igreja de Jesus e os Sacramentos de Cura

2.1. Introdução

Como anteriormente se referiu, Jesus quis e quer que o cristianismo seja uma religião de cura. As curas indicam-nos que Jesus é o Messias, que está Vivo e tem hoje o mesmo poder que tinha na Samaria e na Galileia, para curar e libertar os enfermos. Mas na verdade, a Igreja parece não dar muita importância a esse ministério e, frequentemente, muitos sacerdotes e leigos católicos criticam-no ou opõem-se a ele. Muitas vezes não admitem os milagres e as curas, porque isso implica aceitar Jesus e todas as Suas exigências. Eu já tive essa experiência pessoal, pois já fui curado fisicamente mais de uma vez e sempre encontrei dificuldade em falar sobre essas curas com muitos sacerdotes e leigos católicos que me olham como que para um extra-terrestre, esforçando-se em seguida por mudar a conversa, porque eles só admitem as curas na Igreja primitiva, em santuários Marianos ou através de grandes santos. No fundo, falta-lhes uma fé espiritual forte. Temos que acreditar e proclamar Jesus. No mundo dos negócios, um homem do marketing, que pretende vender alguma coisa, tem que acreditar no artigo que vende, senão ninguém lho compra. O mesmo sucede com a Boa Nova do Evangelho. Se não acreditamos verdadeira e totalmente nela, como poderemos convencer os outros?

Jesus não veio só curar as almas. Ele interessa-se pelo homem integral que é espírito, alma e corpo. Devemos, no entanto, ter consciência de que as curas do corpo (curas físicas) são as mais superficiais, embora sejam as mais visíveis, e por isso, quase sempre, suscitam mais interesse por parte das pessoas. Contudo, por si só, elas não significam a salvação, já que é melhor ir para o céu sem uma mão, um pé ou um olho do que, com as duas mãos ou os dois pés ou os dois olhos, e ser condenado ao inferno: “É melhor para ti entrares na Vida (céu) sem uma das mãos ou sem um dos pés do que teres as duas mãos ou os dois pés e seres lançado no fogo eterno (inferno) ... é melhor para ti entrares na Vida com um só olho, do que teres os dois olhos e seres lançado no inferno de fogo” (Mt 18:8-9). As curas do espírito e da alma são mais importantes do que as do corpo, e só Jesus as pode operar. É no espírito e na alma que acontecem os verdadeiros mila-

gres e as conversões profundas. Por isso, buscar apenas curas físicas e milagres faz parte de um infantilismo espiritual perigoso, quando se torna crônico. O sentido da cura tem que estar sempre ligado directamente à vinda do Reino de Deus.

Por isso não devemos colocar nunca como sendo a finalidade de uma reunião de oração o alcançar curas. Na Efusão e Repouso no Espírito dos nossos retiros e no “meu” grupo de oração, a cura interior e física acontecem muitas vezes naturalmente e são fruto de uma atmosfera impregnada de oração profunda de louvor e de escuta de Deus ou de Adoração, em que as pessoas se abrem e se deixam conduzir e curar pelo Espírito Santo, ou seja, deixam que Ele se manifeste e exerça o Seu poder.

E não sejamos também reducionistas. O Sacramento da Confissão, também designado da Penitência e da Reconciliação, o da Eucaristia e o da Unção dos Doentes são sacramentos de cura em que Jesus usa as mãos ungidas dos Seus sacerdotes. No Catecismo da Igreja Católica (CIC 1420-1532) são-nos apresentados apenas dois Sacramentos de Cura, o Sacramento da Confissão e o da Unção dos Doentes. Considero contudo que o Sacramento da Eucaristia é também um sacramento de cura dadas as maravilhas por ele operadas em tantas pessoas.

2.2. Sacramento da Confissão

Como sabemos, numa confissão sacramental bem feita obtém-se a completa remissão do castigo eterno ou a condenação e fica-se reconciliado com Deus, numa relação amorosa. O pecado pode deixar todavia na alma dor, mágoas, ressentimentos, feridas e cicatrizes devido a memórias negativas. Quando alguém está num destes estados, é incapaz de amar a Deus com todo o seu coração e amar os outros como Deus ama. Além disso essas perturbações interiores reflectem-se no plano emocional e no físico (órgãos), podendo até provocar doenças. O pecador que obteve o perdão dos pecados, numa boa confissão, não tem mais de sentir culpa no seu coração, mas às vezes não o consegue só por si, e, na Efusão e Repouso do Espírito, o Espírito Santo pode vir com o seu bálsamo de amor curar todas essas dores, traumas, feridas e cicatrizes da alma. É que quando alguém se volta para Deus e O começa a amar, Deus dá-lhe um novo coração (Ez 11:19-20, 36:26-27). Além da cura interior na confissão, Deus também pode operar curas físicas. Quando uma pessoa está afastada da vida em Deus, é possível que fique doente no corpo: “Aquele que peca na

presença de quem o criou, virá a cair nas mãos do médico” (Ecl 38:15). Na história do paralítico, em Cafarnaúm, vemos que, depois de Jesus lhe perdoar os pecados, ele ficou imediatamente com saúde (Mc 2:1-12). Nem todas as doenças são resultado do pecado, mas há casos em que Deus quer dar uma cura e o pecado pode impedir a pessoa de a receber.

Nos nossos retiros tenho visto muitas pessoas alcançarem curas depois de se terem reconciliado com Deus e com os irmãos, através de uma boa confissão. Quando se partilha com Deus a vida por meio do Espírito Santo, volta-se a ter saúde na mente e no corpo, porque o dom do Espírito Santo que se recebe penetra no mais íntimo da alma e vem tirar todas as angústias, mágoas, ressentimentos e perturbações que eram a causa de uma ou mais doenças, e a pessoa fica curada. Mas também tenho visto pessoas que, depois de terem sido curadas num retiro ou de Deus as estar a curar progressivamente, voltam a ficar doentes, porque cometeram pecado mortal e/ou voltaram às situações de pecado em que se encontravam anteriormente. É no fundo termos consciência daquilo que Jesus disse no templo ao homem paralítico que fora curado por Ele junto à piscina de Betzatá “Foste curado, não voltes a pecar, para que não te suceda alguma coisa ainda pior” (Jo 5:14).

Foi para vir em auxílio da fraqueza humana que Jesus instituiu o Sacramento da Confissão. Ele sabia que nos iríamos afastar continuamente de Deus e que precisaríamos da Sua contínua misericórdia. Por isso, no dia da Sua Ressurreição, confiou o ministério desse sacramento aos seus Apóstolos, dizendo-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhe-ão retidos” (Jo 20:21-23). Foi esse o primeiro dom que Cristo Ressuscitado ofereceu à sua Igreja, juntamente com o Espírito Santo. E, para que este Sacramento não acabasse com a morte dos Apóstolos, o poder de perdoar os pecados passou a ser exercido na Igreja pelos Bispos, seus sucessores, e pelos sacerdotes seus colaboradores.

São Paulo, ao referir-se a esse Sacramento e ao poder que ele tinha de o exercer, afirmou: “Se alguém está em Cristo é uma nova criação. Passou o que era velho, eis que tudo se fez novo. Tudo isto vem de Deus, que, por meio de Cristo, nos reconciliou Consigo e nos confiou o ministério da Reconciliação” (2 Cor 5:17-21). Aqui está resumida toda a verdade e a importância deste Sacramento. Cristo confiou aos Apóstolos o “ministério da Reconciliação”, para que através dele, se continuasse a renovar a pessoa

humana, que, depois de reconciliada com Deus, se torna “uma nova criação”.

Em suma, neste Sacramento da Confissão, recebe-se o perdão dos pecados, recebe-se de novo o Espírito Santo e os dons e frutos que temos necessidade para lutar contra o pecado, alcança-se a cura interior e, muitas vezes, a cura física de doenças chamadas emocionais ou psicossomáticas, alcançando por fim a paz de consciência e a consolação espiritual. A maior doença nos nossos tempos não é a do corpo mas sim a do espírito e da alma, e essas só podem ser curadas pelo Médico Divino. O Sacramento da Confissão é o meio que Jesus usa para “arrancar” o pecado do coração dos homens e para os ajudar a crescer na santidade.

2.3. Sacramento da Eucaristia

Embora o Catecismo da Igreja Católica não enumere a Eucaristia como Sacramento de Cura, ele é um potentíssimo meio de cura, porque é o encontro com o Jesus Vivo. Jesus cura directamente através da Sua Divina Presença na Eucaristia, quando as pessoas se aproximam d’Ele com fé. Antes da Sagrada Comunhão na Missa, dizemos a oração: “Senhor eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo/curado”. Esta é a oração do centurião pelo servo (Lc 7:7), que mostra de forma muito clara que a Sagrada Eucaristia é um sacramento de cura. Além disso, antes do serviço da comunhão, o sacerdote reza da seguinte forma: “Senhor Jesus Cristo! Que a comunhão do vosso Corpo e Sangue não seja para meu juízo e condenação, mas pela vossa misericórdia, me sirva de protecção e de remédio para a alma e para o corpo”. O Jesus que recebemos hoje na Eucaristia é o mesmo que impunha as mãos aos doentes para os curar. Ele vem também hoje até nós com todo o Seu poder. Ele vai tocar com as Suas mãos as partes do corpo que estão doentes para as curar. Ele liberta-nos também de toda a opressão e de todas as perturbações. O mesmo sucede quando vamos visitar no Sacrário ou quando O adoramos durante a exposição do Santíssimo Sacramento.

O Sacramento da Eucaristia está intimamente associado ao Sacramento da Confissão. São Paulo no relato mais antigo da Eucaristia, fala-nos da necessidade de receber o Corpo e Sangue de Cristo dignamente: “Assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Portanto, examine-se cada um a si próprio e só então coma deste pão e beba deste vinho; pois aquele que come e bebe, sem distinguir o Corpo do Senhor, come e bebe a própria

condenação. É por isso que há entre vós muitos doentes e enfermos e um considerável número está a morrer” (1 Cor 11:27-30). São Paulo diz-nos que receber a Sagrada Comunhão indignamente pode trazer doença para o corpo, fraqueza para o espírito e morte para a alma. Uma digna e santa Comunhão, certamente traz cura e saúde para o corpo, poder e força para a mente e vida e espírito para a alma. Quando o sacerdote dá a Sagrada Comunhão e diz “Este é o Corpo e Sangue de Cristo”, o comungante responde “Ámen”, que significa que ele está a dizer sim a tudo o que a Sagrada Eucaristia contém, como por exemplo, “através desta comunhão eu tornarei-me um só com Jesus, eu receberei a vida eterna, eu receberei a cura, eu receberei boa saúde da mente e do corpo”.

É o mesmo São Paulo que também nos diz que um católico/cristão não pode ir comer o Corpo de Cristo ou beber o Seu Sangue, se se entrega às práticas idólatras: “Meus caros, fugi da idolatria. O cálice da bênção, que abençoamos, não é comunhão com o Sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? uma vez que há um único pão, nós embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão. Mas aquilo que os pagãos sacrificam, sacrificam-no aos demónios e não a Deus. E eu não quero que estejais em comunhão com os demónios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios; não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios” (1 Cor 10:14-22). Neste texto São Paulo é muito explícito. Quando vamos beber ao cálice do Sangue de Cristo, o nosso sangue mistura-se ao Seu Sangue. Por isso, ficamos em comunhão com Cristo através do Seu Sangue. E, quando comungamos o Corpo de Cristo, passamos igualmente a ser um só Corpo com Ele, entramos em comunhão profunda com Jesus através do Seu Corpo. Mais ainda, quando cada católico/cristão entra em comunhão com Cristo, entra também em comunhão com todos os outros. Por isso, todos juntos passamos a ser um só corpo, o Corpo de Cristo. Por isso, não podemos profanar esse Corpo que é santo, como Deus é Santo (Lv 11:44, 19:2; 1 Pe 1:16). Por todos estes motivos os católicos/cristãos não podem participar em rituais e técnicas demoníacas de cura, porque, ao fazerem-no, estão a entrar em comunhão com os demónios.

Nos nossos retiros vemos que muitas pessoas estavam em pecado mortal e só tomaram consciência disso após os ensinamentos ou quando o Espírito Santo as iluminou durante a oração ou Efusão do Espírito Santo. Nas nossas paróquias vemos aos Domingos e noutros dias de Festa muitos participantes da Missa receberem a Comunhão, quando sabemos que

apenas muito poucas pessoas se confessam. Daí o apelo urgente que o Papa Francisco fez recentemente, para que os sacerdotes estejam disponíveis para confessar. Nos nossos retiros procuramos ter confissões permanentes desde o início ao fim do retiro, e é frequente as pessoas confessarem-se três e quatro vezes porque vão tomando consciência dos seus pecados ao longo do retiro.

2.4. Sacramento da Unção dos Doentes

Jesus cura também através do Sacramento da Unção dos Doentes. Quando São Marcos escreveu o seu Evangelho era habitual, na sua comunidade de Roma, o uso da Unção dos Doentes para a cura física: “Jesus chamou os doze discípulos, começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes poder sobre os espíritos malignos... Então os discípulos partiram e pregaram para que as pessoas se convertessem. Expulsavam muitos demónios e curavam muitos doentes, unguindo-os com óleo” (Mc 6:7,12-13). Do mesmo modo, quando São Tiago escreveu a sua carta, a unção dos doentes era habitual em Jerusalém por dois motivos: perdoar os pecados e curar o doente: “Alguém de vós está a sofrer? Reze. Está alegre? Cante. Alguém de vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor. a oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará, e, se tiver pecados, será perdoado. Confessai uns aos outros os vossos pecados e rezai uns pelos outros, para serdes curados. A oração do justo, feita com insistência, tem muita força” (Tg 5:13-16). A partir destas duas citações, podemos concluir que a Unção dos Doentes foi instituída por Jesus e era usada nos tempos apostólicos em Roma e em Jerusalém. Esta tradição chegou até nós, e hoje temos na Igreja um ritual próprio para a Unção dos Doentes.

A Unção dos Doentes é um meio eficaz para curar toda a espécie de doenças, mas é essencial acreditar-se no Sacramento. Há muitos católicos que o compreendem muito bem e, por isso, quando estão doentes ou antes de se submeterem a uma operação cirúrgica de risco, recorrem sempre a um sacerdote para este Sacramento a fim de pedirem a Jesus a cura rápida da sua doença. Mas há também muitos outros católicos que não estão bem informados sobre este Sacramento e pensam que, se receberem “aquele óleo” irão morrer mais depressa. É por isso que muitos familiares de doentes só chamam o sacerdote para administrar esse Sacramento quando alguém está mesmo às portas da morte. Mas Graças a Deus, começa também a

entrar na Igreja Católica o hábito de celebrar Missas pelos doentes, durante as quais é administrado o Sacramento da Unção dos Doentes a quem sente necessidade dele. Mas conforme já referi, é preciso acreditar e receber esse Sacramento com fé e alegria para que Jesus seja glorificado pelos doentes curados.

2.5. Igreja de Jesus e o ministério de cura

Jesus é um Deus que cura. Ele interessa-se pela totalidade do nosso ser e não unicamente pela nossa salvação espiritual. Um dia teremos um corpo glorioso, novo e perfeito, mas nunca atingiremos a perfeição nesta vida. Cada vez que Deus faz hoje uma cura miraculosa a alguém, temos uma amostra daquilo que se passará no futuro, quando acontecer a redenção final dos nossos corpos (Rm 8:23). Certamente, nem todos aqueles por quem rezamos irão ser curados, e nenhum ser humano pode evitar a morte. Os nossos corpos são corruptíveis. Em certas circunstâncias pode mesmo ser preferível preparar uma pessoa para a morte do que rezar pela sua cura.

Mas apesar de toda esta bondade do Senhor e de Ele nos querer sãos, a questão de que porque razão a Igreja não dá muita importância e até se sente desconfortável com o ministério de cura pode persistir. Como é evidente eu não tenho explicações para isso mas na minha humildade e fruto dos vários contactos com diferentes Bispos e sacerdotes e dos inúmeros retiros que preguei e organizei, suponho que, em parte, isso poderá advir do desconhecimento da acção do Espírito Santo, do desconhecimento do que é realmente o Renovamento Carismático e da formação teológica nos seminários. Daí que muitos sacerdotes não se sintam muito à vontade e sejam muito cépticos perante da ideia de cura. Muitos deles, só depois de uma experiência de Efusão do Espírito Santo, tomam consciência desta realidade, conforme podemos ler nos testemunhos de sacerdotes incluídos no meu livro "Efusão e Repouso no Espírito Santo". Aí vemos que, a partir desta experiência com o Deus Vivo, a sua vida sacerdotal mudou radicalmente.

As curas e os milagres não devem ser algo excepcional concedido extraordinariamente só aos santos, mas devem ser uma constante da Igreja, como testemunho da presença de Jesus Vivo no meio de nós. Durante a Última Ceia, a primeira Eucaristia celebrada no mundo, Jesus declarou solenemente aos Apóstolos, reunidos no Cenáculo para a celebração da

Ceia Pascal: "Aquele que acredita em Mim, fará também as obras que Eu faço e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para Meu Pai" (Jo 14:12-14). Os Apóstolos compreenderam muito bem estas palavras de Jesus, porque onde quer que andassem eles operavam curas e milagres como o Mestre. Aquilo que os Apóstolos fizeram deve continuar hoje na Igreja. O poder foi-lhes concedido num contexto missionário, não para os exaltar, mas para confirmar a sua missão. Na minha pequena experiência missionária esse poder também é concedido hoje, mas é necessário acreditar e ter uma fé espiritual forte. Há muitas pessoas que acreditam mais no poder da medicina do que no poder curativo de Jesus. Muita gente acredita em Jesus, mas esse Jesus em Quem acreditam é Alguém que andou em tempos pela terra e agora está muito, muito longe, no céu. É um Deus distante. Mas não é verdade. O nosso Jesus é Alguém que está presente em nós e que permanece em nós, se estivermos unidos a Ele (Jo 15:1-7).

Curiosa e infelizmente, como já referi, muitos sacerdotes têm nos seus centros paroquiais aulas de ioga, reiki, meditação, e outras coisas semelhantes. Por vezes, eles próprios recorrem a essas práticas, bem como os seus paroquianos. Tudo isso é fruto da ignorância e da acção do demónio que é muito astuto e que, no fundo, acabou por fazer como que uma contrafacção das coisas boas de Deus como vamos ver nos capítulos seguintes deste livro. Muitas pessoas abandonaram a nascente das Águas Vivas e construíram cisternas rotas que não podem reter as águas (Jr 2:13). Além disso, parece que essas pessoas não confiam suficientemente em Deus para a resolução dos seus problemas, o que está associado, por vezes, a uma vida religiosa superficial, em que o Espírito Santo não é o motor e o condutor das suas vidas.

Extracto do livro "Mãos que Curam vs. técnicas demoníacas de cura pelas mãos" (1ª Edição) de João Carlos da Silva Dias.

Encomendas: mirjsd@gmail.com; Tel.: 00351.914137940